

*1ª ingratidão?
Antes de Campinas,
já trabalhava há
muito com Ivan
ou coisas de jornalistas?*

Darcílio Lima

MINHA obra é o prolongamento da verdade que, como uma mancha indelével, acompanha o homem através do espaço ante uma idade psicológica. É a arte-reflexo que gera polémica e crítica por ser um trabalho de traço certo que transcreve mundos dentro de um excelente grau cultural. O Século XX é para minha obra o veículo que conduz ao terceiro milênio, sob o clima de Aquarius, trazendo a civilização todo um avanço tecnológico destinado a auto-afirmar o homem, dividindo assim o mundo em privilegiados e indefesos.

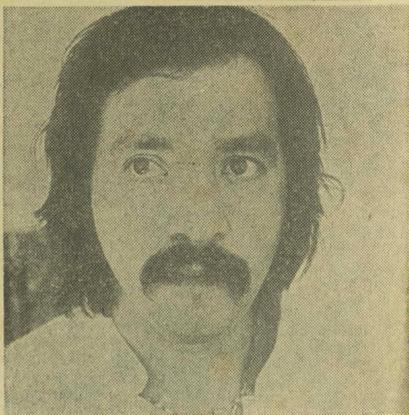
Quem fala nessa linguagem é o Desenhista Darcílio Lima, cearense de Cascavel, que acaba de obter o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, no atual XX Salão Nacional de Arte Moderna, no Palácio da Cultura. Dois anos na Europa com 500 dólares mensais, passagem de ida e volta. Darcílio veio para o Rio com 13 anos e até há bem pouco tempo passou as privações de quem não faz grandes concessões ao seu trabalho. Sua temática só é bem compreendida por conhecedores — não tem mercado, embora tenha o aplauso incondicional de artistas e críticos.

O êxito artístico

Embora alguns contatos eventuais, o aparecimento de Darcílio Lima surgiu em 1967, em Campinas, num Salão de Arte Contemporânea. O júri de seleção e premiação era constituído por Mário Schenberg, José Geraldo Vieira, Harry Laus, Lourdes Cedran e Jaime Maurício. Ninguém sabia quem era aquele esplêndido surrealista erótico do Rio de Janeiro, nem Harry Laus nem o redator, que representavam os cariocas. E a decisão foi unânime: Grande Medalha de Ouro, o maior prêmio. Um autodidata desconhecido recebia a maior láurea. E começou o sucesso artístico. No ano seguinte, conheceu o pintor Ivan Serpa que lhe ofereceu o atelier de Engenho Novo para trabalhar, o que fez por 18 meses. Conhece Mário Pedrosa que o apresenta numa primeira exposição individual numa complicada casa de móveis de Copacabana, num texto consagrador que confirmava a decisão do júri de Campinas. Darcílio Lima trabalha e comparece ao Salão Moderno do mesmo ano — e obtém logo a Isenção de Júri, necessária ao prêmio de viagem que acaba de ganhar, quatro anos depois. Indicado para o **Resumo JB** — uma seleção da crítica — em 1969, comparece ainda nesse ano ao Salão da Bússola — e recebe o Prêmio Assis Chateaubriand. O ano de 1970 marcaria o conhecimento e aproximação com Marcelo Grassmann, que tornou-se um grande entusiasta do trabalho do jovem cearense, encaminhando-o logo à técnica da gravura com apoio técnico pessoal do grande desenhista e gravador. Darcílio faz tiragens em água-forte e litografia com Grassmann. Ainda em 1970 os europeus passam a se interessar pelo artista. Mantém contato com Jacques Fouché, da Arte-Idéia; ilustra um texto de Jean-Jacques Pauvert para a revista francesa **Bizarre**. E acerta com Eric Losefeld o lançamento de um livro de desenhos para a sua editora. Acenos para trabalhos na Áustria, na Grã-Bretanha e França, mas o artista não tem recursos para a necessária autonomia de trabalho e aprofundamento — ficaria à mercê dos **marchands** e editores. Até que chega o atual XX Salão Moderno que abre o caminho internacional de Darcílio Lima, através de Carmen Portinho, Aluísio Carvão e Waldir Mattos, membros do júri que acertou muito para uns pequenos equívocos.

Características

A obra de Darcílio Lima não é de fácil acesso. Resiste, inclusive,



Darcílio Lima, na foto, cearense de Cascavel, surgiu há quatro anos num Salão de Arte de Campinas. Agora ganhou o Prêmio de Viagem ao exterior no XX Salão Nacional de Arte Moderna, no Palácio da Cultura. Vai ficar dois anos na Europa, ganhando 500 dólares por mês.

à própria abordagem pela literatura ou um intelectualismo alheio ao conhecimento técnico e ao fantástico universo do artista. Pedrosa disse bem dele quando escreveu que "a mensagem que Darcílio traz e espera comunicar, com graves cogitações de uma ordem que transcende a beleza ou habilidade (aliás extraordinária) com o impulso próprio que vai de uma textura a outra sem hesitação, sem interrupção, esta certeza de **tiro**, está a indicar que Darcílio está lendo lá dentro do seu ego algo muito claro que o impele a transcrever no papel".

Parece que o artista está bem distante de pronunciamentos críticos que agradece mas parecem deixá-lo insatisfeito, não por vaidade mas por sincera necessidade de ser bem compreendido em sua obra algo hermética do lado conteudis-

tico. Mas desde quando os críticos satisfazem os artistas dessa natureza? A verdade é que o realismo fantástico de Darcílio solidifica o baluarte da figuração naturalista, especialmente através da conotação erótica do seu desenho. Em Darcílio, o erótico faz-se um com o místico e o religioso. Não é apenas o emprego de símbolos litúrgicos ao lado de figurações genitais que indica essa tendência, mas uma infinidade de outros detalhes e nuances que envolvem seus símbolos eróticos, orquestrando-os à forma de um ritual. Há conotações Búffel, como disse Pedrosa, mas também com os fenômenos das metamorfoses de Bosch: figuras humanas e animais compõem insólitas unidades; outras vezes, um tórno humano repete-se sucessivamente, ocupando o lugar do que deveria uma cabe-

ça, um braço. A figura, por vezes, volta-se contra si mesma, biparte-se e triparte-se; define conflitos lancinantes, agride-se, mutila-se, refletindo os terríveis processos do inconsciente. O equilíbrio é dado pela técnica precisa, limpa e refinada, bem como a dinâmica formal. Quanto maior liberdade concede à sua imaginação, maior rigor exige da técnica.

A marca da infância

Darcílio Lima fala uma linguagem muito pessoal, esotérica mesma, num grande esforço algo angustiado para torná-la comunicativa, lógica. Nem sempre o consegue — não é homem de palavras, embora cultivado, sociável e até bem humorado. Relembra suas leituras e visões de infância especialmente Jean Delville ou Fernan Khnopff, que com sua técni-

ca, no ano de 1900, conseguiram transcender a forma do corpo adquirindo luz extraordinária, em trabalho com o que ele chama há-beis peritos, "misturando às vezes nas tintas em que trabalhavam sua própria fórmula".

— Isto é a prova e tentativa eterna do verdadeiro artista para atingir através de sua obra a vida e a natureza, fiel e original, como o homem segundo sua multiplicação. Mas esta é uma verdadeira pirâmide onde a marcação cronológica ainda é necessária. Um dia, porém, surgirá o homem que colocará a pedra final e verá como causado o peso de sua obra.

Darcílio hoje continua a obra de muitos, pesquisando e buscando para trazer até nós um potencial praticamente esquecido, marginalizado nesta época para ele "de desnível e facilidades". Afirma com singeleza, entretanto, que para ter acesso ao seu trabalho basta "parar, ver e sentir". Acha que numa época de grande dinâmica, uma obra de profundidade pede, através da seção visual externa, uma grande responsabilidade.

— Estamos na era espacial — finaliza. Ela nos prova que uma das mais fortes e eternas necessidades do homem é ver para descobrir. E ver é apurar todos os sentidos possíveis para a conquista final.

Darcílio e o erotismo

Darcílio Lima, como foi dito, recusa classificações e guarda uma exagerada cautela em sua linguagem quando levado a caracterizar as origens do seu trabalho. Há também um grande pudor acerca da sua **privacy**, muito rica e quase sempre utilizada como elemento promocional pelos artistas de ranço romântico ou **fin-de-siècle**. Em suma, não gosta dos rótulos, não aceita a literatice, não gosta de falar do seu trabalho nem da sua vida particular. Ocultista, diabolista, surrealista ou o que quer que seja ou esteja conotado, há no trabalho de moço de Cascavel uma quase alucinatória força cósmica sexual que se traduz clara e admiravelmente num profundo erotismo. Mas um erotismo que transcende as mais diversificadas ligações com o erotismo mais corrente, inclusive o vulgar ou grosso, no sentido irradiativo das manifestações pornográficas escandinavas mais recentes. Exclui, inclusive, a noção de nudez, que tem servido a toda a história da arte em mal disfarçado esteticismo moral. Jamais seria um estetizante do nu como também nunca seria um chulo pornógrafo. Na abordagem do amor monstruoso, diabólico, Darcílio caminha pelos mapas geométricos e os mais diversos signos-símbolos, completamente traduzíveis (nada cabalístico, segundo ele) e ingressa em áreas de uma sadia transcendência temporal e no plano da arte fantástica e seu arsenal de pitoresco, de anedotário. Poder-se-ia dizer com certa propriedade que neste desenhista encontra-se desde o impulso alucinatório de um Bosch ao espiritualismo de William Blake e um insólito prolongamento brasileiro-nordestino daquele espírito que se encontra no caminho que vai de um Friedrich à Redon, de um Fussli à um Gustave Moreau, dos simbolistas franceses ou seccionistas austríacos. Uma lâstima no processo de informação jornalística não ser possível a reprodução de desenhos mais característicos de Darcílio Lima. Ele poderia perfeitamente enquadrar-se na chave de André Maurois, em sua "Carta aberta a um jovem", recentemente citada pelo Ministro Passarinho também: "Ter cultura não é saber um pouco de tudo, não é, também, saber muito de um só assunto; mas conhecer a fundo alguns grandes espíritos, nêles alimentar-se e deles beneficiar-se."

Jayme Maurício

Quando expôs em Campinas já trabalhava há muito com Ivan

Judo errado